

## O oficialismo no jornalismo econômico: um estudo de caso do Jornal Tribuna do Norte

*The officialdom in economic journalism: a newspaper Tribuna do Norte case study*

Loussanne Barbosa PAIVA<sup>1</sup>

### Resumo

Este trabalho discorre sobre o caráter oficial das fontes no jornal impresso Tribuna do Norte. Para tanto, são identificados os tipos de fontes de informação a partir dos seguintes conceitos: fontes oficiais são aquelas mantidas pelo Estado, por organizações ou empresas; as fontes oficiosas têm vínculo com entidade ou indivíduo, porém não são autorizadas a falar em seu nome; e as fontes independentes são aquelas desvinculadas de relações de poder. Também foi mensurada a frequência das categorias de fontes oficiais, oficiosas e independentes no noticiário de economia do jornal Tribuna do Norte.

**Palavras-chave:** Caráter oficial. Fontes. Jornalismo Econômico.

### Abstract

This research discourses about sources official character in the newspaper Tribuna do Norte. Therefore, the types of information sources are identified from the following concepts: official sources are the ones kept by the government, by organizations or companies; the unofficial sources are rather linked to an entity or a person, however, they are not allowed to speak up for them; and the independent sources are the ones not attached to power relations. It was measured the constancy of official, unofficial and independent kind of sources in Tribuna do Norte's economics pages.

**Keywords:** Official character. Sources. Economics Journalism.

---

<sup>1</sup> Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela UEPB, Especialista em Jornalismo Econômico pela UFRN. E-mail: lousannepaiva@hotmail.com

## **Introdução**

Este trabalho consiste em um estudo de caso do jornal impresso Tribuna do Norte, publicado em Natal, capital do Rio Grande do Norte. Diante da quantidade de empresas de comunicação que atuam nas cinco regiões do Brasil com periodicidade diária, e com base na relevância que a informação tem no cotidiano do cidadão comum, fez-se necessária a avaliação da qualidade do noticiário econômico e, conseqüentemente, a identificação das lacunas na produção jornalística. Neste sentido, foi realizada uma análise de conteúdo da citada publicação.

O objetivo foi analisar a frequência das fontes oficiais e os efeitos da mesma no noticiário econômico da Tribuna do Norte. A escolha pelo caderno de economia da referida publicação deu-se em virtude de sua grande circulação no estado. A pesquisa baseou-se na análise de conteúdo da seção de economia da publicação, onde foram identificadas e tabuladas a frequência de utilização das fontes oficiais, oficiosas e independentes no noticiário. Para tanto, foram pesquisados dados referentes à fundação do jornal Tribuna do Norte e analisados 27 números da publicação, com recorte histórico referente ao mês de julho de 2006.

O presente estudo apresenta o jornalismo econômico e suas definições, em que são expostas as características e peculiaridades do tema, baseando-se nos autores Bernardo Kucinski (2000), Caldas (2003) e Luiz Amaral (1978). A caracterização das fontes e o relacionamento dos jornalistas com as mesmas são relatados com o auxílio teórico de Nilson Lage (2004), Jorge Duarte (2003), Eugênio Bucci (2000) e Daniel Cornu (1998), identificando conseqüências que tal relação pode acarretar ao trabalho jornalístico. Mais adiante, foi abordada a predominância das fontes oficiais no noticiário de economia, e também foram explicitados conceitos, definições e análises recorrendo-se aos autores já citados. O perfil do jornal estudado foi descrito com o relato da história de fundação do impresso. Por conseguinte foi apresentada a avaliação da frequência das fontes oficiais no noticiário econômico da Tribuna do Norte, com a exposição dos resultados através

de gráficos construídos a partir da análise de conteúdo do caderno de economia da publicação.

## **Jornalismo econômico**

O jornalismo econômico nasceu junto com a imprensa, mas obteve destaque no Brasil em meados da década de 60, no período da ditadura militar. Tal relevância foi proporcionada pela fiscalização intensa dispensada aos cadernos políticos, que com o passar dos tempos tornaram-se cada vez mais exíguos, e como compensação pela falta de noticiário político, rechearam-se os jornais com notícias econômicas. O jornalismo econômico da época era pautado por manipulações, falsificações de índices inflacionários e pela divulgação do suposto “milagre econômico”. (CALDAS, 2003, p.17).

A divulgação dos fatos econômicos gera subsídios aos homens de negócios, amplia visões empresariais, e conseqüentemente, promove a melhor atuação da empresa junto aos clientes e a divulgação da mesma. Para o Estado, é um instrumento de promoção de políticas públicas e de propaganda da atuação do governo. Através do jornalismo econômico, o cidadão deveria ter acesso a informações sobre a importância da sua força de trabalho, direitos trabalhistas, perdas salariais e análises de medidas governamentais enfocando vantagens e desvantagens para o trabalhador. Enfim, proporcionar informação para a sociedade em geral.

O jornalismo econômico diferencia-se do jornalismo em geral pelo fato de não se pautar exclusivamente pelo ineditismo e pelo factual, mas consolidar-se na análise de conjunturas e previsões econômicas, servindo como informativo e orientador de governos e mercados. É norteado pela economia, que tem como princípio estudar distintos modos de produção de bens e serviços, visando suprir as necessidades de consumo do homem, e cabe ao jornalismo especializado interpretar esta estrutura.

Essa particularidade do noticiário econômico tem-se revelado importante em se tratando de cobertura jornalística. Pelo fato de lidar com informações privilegiadas que envolvem grandes corporações e o Estado, ele se encontra intimamente atrelado aos altos escalões da sociedade; logo, as visões e ideologias de um determinado grupo podem prevalecer na cobertura jornalística. A atuação dos jornalistas, estando ligada ao

oficialismo tende a digerir as versões oficiais, sem uma maior análise daquilo que foi informado, repassando desse modo notícias que divergem da realidade. Assim, a imprensa torna-se cada vez mais dissociada dos valores da sociedade, como relata Kucinski:

Nosso jornalismo econômico tem se revelado subserviente ao governo do dia, especialmente nos momentos de euforia econômica, tardando muito para fazer a crítica, em geral a reboque de outros setores da sociedade. Muitas vezes, a ausência de espírito crítico em relação às fontes oficiais chega ao limite do cretinismo, da ausência total do raciocínio. (KUCINSKI, 2000, p.191).

O excesso de oficialismo gera falta de credibilidade por parte do cidadão comum. Para Caldas (2003, p.28) nas áreas de economia e política os leitores têm sempre desconfiança, veem aqui e ali algum interesse a conspirar contra a isenção.

A função do jornalista de fazer uma análise da notícia econômica é englobada pela própria fonte noticiosa, que cede a informação com toda a análise que lhe é conveniente, o que explicita a convivência do profissional com as organizações e com os centros de poder. As exigências de cumprimento do *deadline* contribuem para a aceitação das informações sem maiores aprofundamentos do repórter, que repassa ao público os relatos coletados. Dessa forma vê-se diminuído o trabalho jornalístico, o qual deveria firmar-se pela apuração, a uma simples marionete das grandes corporações e do Estado.

Aqui reina, também, a desigualdade. Pequena parte da informação é atual, bem feita, digerida e entregue ao público sem a mácula da repetição. Ponderável parte, porém, é repetição pura e simples da notícia e da análise anteriormente processadas pelos grandes e pequenos setores empresariais, com a ajuda de serviços de relações públicas e divulgação. (AMARAL, 1978, p.112)

A qualidade da informação econômica encontra-se aquém dos preceitos que norteiam o jornalismo, a imparcialidade é comprometida, pois o ensinamento básico de ouvir os dois lados (fontes) da notícia é ignorado, há a desigualdade na cobertura. O grande público está distante de ver-se representado nas páginas de economia, a informação propagada não tem representatividade junto à sociedade, mas locupleta-se ao divulgar os pequenos grupos de poder.

As fontes enquadram-se no papel de fornecedoras de informações, seja para a

imprensa ou para a mídia em geral. Portanto, no jornalismo, cabe à própria imprensa o levantamento necessário de dados que comprovem as informações cedidas pelas fontes, ou mesmo que as contradigam, evidenciando o caráter investigativo imprescindível ao jornalismo. A fonte é um recurso utilizado como forma de complementar a notícia e conforme sua interveniência, se caracteriza por diferentes classificações, como explica Lage:

Fontes oficiais são mantidas pelo Estado; por instituições que preservam algum poder de Estado, como as juntas comerciais e os cartórios de ofício; por empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações etc. Fontes oficiosas são aquelas que, reconhecidamente ligadas a uma entidade ou indivíduo, não estão, porém, autorizadas a falar em nome dela ou dele, o que significa que o que disserem poderá ser desmentido. Fontes independentes são aquelas desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico em cada caso. (LAGE, 2004, p.63)

A fonte perdeu seu caráter informativo e assumiu a busca por um lugar no mundo da comunicação, transformando-se em agente no processo de produção da notícia. Isto é, de informante, alçou ao patamar de geradora de notícia, consolidando um espaço singular no jornalismo.

## **Relacionamento com as fontes**

Um dos desafios do jornalismo é o relacionamento que deve ser mantido com as fontes. Manter proximidade sem que haja promiscuidade e distância sem que ocorra um afastamento dos fatos que são notícia. De acordo com Lage (2004, p.95) a relação com as fontes deve ser cordial e correta. Trata-se inegavelmente de uma troca, mas o que deve ser trocado é sempre informação, nada mais. Nem o repórter se transformará em agente da fonte nem o contrário.

O relacionamento dos jornalistas com suas fontes em determinados momentos chega a influenciar os aspectos noticiosos, e conseqüentemente, os faz fugir da sua objetividade. Um dos fatores dessa influência é a área temática em que atua o jornalista. A economia, entre outras, envolve, especificamente, as classes “dominantes”, são elas que fornecem as informações que irão construir o noticiário.

As relações com as fontes permitem identificar uma outra grande pressão do jornalismo. Trata-se da proximidade entre o jornalista e suas fontes. O risco de conivência não ameaça somente os notáveis da profissão, mais próximos, pelo seu modo de vida e posição, aos representantes das camadas superiores da sociedade. É ameaça também para os jornalistas comuns. Sua busca pela informação acontece em campos e temas - política, economia, cultura - que são de interesse das classes superiores. (CORNU,1998, p.88-89)

Na seara da economia o assunto torna-se mais denso, pois geralmente as fontes são presidentes e funcionários de grandes estatais e organizações privadas, além do próprio governo, o que mostra a unidade entre economia e oficialismo. Porém não se resume ao jornalista o ônus da culpa. As relações com o poder baseiam-se em um sistema que vai além do punho do jornalista, envolve os veículos de comunicação, como relata Bucci:

Quando se trata das relações dos jornalistas e das empresas de comunicação com o poder, um outro horizonte se abre para aqueles interessados na discussão ética. Pois assim como as redações não existem à margem das empresas, mas no interior delas, também as empresas não pairam soltas no espaço, mas têm o seu lugar dentro da sociedade e essa sociedade é marcada (definida) pelas relações de poder e de dominação. (BUCCI, 2000, p.33)

O contato com as fontes torna-se relevante pelo fato de ser uma troca de “favores”, em que tanto os jornalistas como suas fontes têm interesse, mesmo que de forma diferente, na notícia. Enquanto o jornalista procura a notícia, a informação; a fonte busca divulgar seus “feitos” e dessa forma conseguir uma maior notoriedade. Se as fontes são oficiais, seus interesses ultrapassam a simples divulgação jornalística, trata-se, certas vezes, de utilizar a imprensa como instrumento para proveito próprio.

Como a maioria das informações importantes emana do governo, a imprensa estende suas ramificações, representadas pelos repórteres, aos diferentes organismos do Executivo, junto aos quais procura estabelecer as bases para um relacionamento elevado e de mútuo proveito: de um lado, os jornais precisam de informações para o exercício de sua missão; de outro, os homens de Governo, que não podem dispensar a veiculação noticiosa de suas atividades, seja no cumprimento da obrigação de prestar contas ao povo, seja para lograr, quando necessário, o apoio dessa mesma opinião pública. (MAGALHÃES, 1979, p.27).

O público consumidor é aquele que padece dos efeitos nocivos dessa relação, muitas vezes, inconveniente. O leitor tem o veículo de comunicação como única forma de manter-se informado, mas a intermediação faz-se necessária, e o jornalista é o responsável por ela e pela fidedignidade, apuração e veracidade de tudo que for publicado. Portanto a apuração tem um papel primordial na produção do noticiário, pois a deficiência da mesma pode gerar informes enganosos, sem que tenha havido a intenção patente do jornalista de relatar um dado incorreto. Porém, para o leitor, o jornalista será o responsável direto pela informação, qualquer que seja o cunho dela. Cabe ao comunicador a responsabilidade de intermediar o caminho da notícia até o público da maneira mais correta possível, buscando levantar “as verdades” de cada informação. Segundo Lage (2004, p.95), as relações entre jornalistas e fontes são as mais citadas quando se trata de ética do jornalismo. Isso decorre naturalmente do fato de que, no percurso da informação das fontes até o público, é este - o público – o mais indefeso.

A realidade mostra que há uma simbiose no trabalho jornalístico entre fonte e repórter, tendência que leva o jornalista a uma dependência das fontes oficiais. Esta dependência e relutância em questionar as versões corporativas facilitam a manipulação do jornalista e até mesmo das instituições noticiosas, onde as fontes informam apenas o que lhe promover benefícios.

## **As fontes oficiais no noticiário econômico**

No cotidiano das redações, o jornalista enfrenta barreiras para a obtenção de informações, pois não é usual que as notícias buscadas por estes profissionais sejam as mesmas que as fontes têm a intenção de divulgar. A imprensa predetermina o que considera de interesse público, e a fonte noticiosa divulga o fato que lhe é conveniente explorar, e geralmente, estas informações não são as mesmas. Porém no campo econômico, a informação muda de aspecto, o contato com as fontes oficiais é facilitado, há uma aceitação das informações oficiais pelo repórter, o que promove a restrição de uma análise imparcial, em que conseqüentemente, o jornalismo ratifica o pensamento oficial. De acordo com Kucinski (2000, p.46) quase todos os formadores de opinião reproduzem o discurso oficial, ressaltando que em sua maioria, são especialistas da área

econômica.

A cobertura econômica baseada no discurso das fontes oficiais mostra-se duvidosa, pois são levados em conta os interesses das fontes. Há questões políticas em jogo, disputas por privilégios, enfim, um conjunto de fatores que maculam a informação e retiram-lhe a fidedignidade. O jornalista econômico é corresponsável na proliferação de tais conteúdos, pois encontra-se ligado a uma rede de relações, sofre diferentes formas de pressão profissional, seja do veículo em que trabalha ou das próprias fontes, o que acaba por limitar suas escolhas e nortear suas atitudes.

Fontes oficiais, como comprovam autores de todas as épocas, falseiam a realidade. Fazem isso para preservar interesses estratégicos e políticas duvidosas, para beneficiar grupos dominantes, por corporativismo, militância, em função de lutas internas pelo poder. (LAGE, 2004, p.63)

No noticiário econômico, predominam as informações das fontes oficiais em detrimento de outros setores, e as fontes dos altos escalões do governo são as mais utilizadas pelo repórter de economia. Os profissionais que cobrem a área de economia subestimam as informações geradas por empresas de pequeno porte e setores que estão diretamente ligados ao cidadão comum, como a agricultura. Enfim, o noticiário de economia norteia-se pela aquisição de notícias dos grandes grupos de poder. Destarte, Kucinski (2000, p.185) afirma que a cobertura é concentrada nos grandes grupos econômicos, nos executivos e no governo, negligenciando outros setores. Outro aspecto da abordagem jornalística na área econômica é o privilégio dispensado aos fatos de caráter positivo e o menosprezo àqueles que remetem a dificuldades. Índices negativos podem indicar incompetência de alguns profissionais ou setores da economia, portanto há dificuldade em se explicitar dados oficiais negativos. O “mascaramento” de dados negativos parte das próprias empresas e governos que divulgam suas ações. À imprensa menos atenta, cabe a reprodução de dados dessa natureza sem a devida análise. De acordo com Kucinski (2000, p.188) a imprensa privilegia notícias econômicas positivas e reluta em aceitar notícias sobre adversidades econômicas.

Vale ressaltar a deficiência do noticiário econômico em ilustrar problemas sociais e políticas econômicas que prejudicam o país. “O jornalismo econômico é displicente no trato de problemas estruturais e crônicos, como a fome, o

desemprego[...]” (KUCINSKI 2000, p.189). Há o esquecimento de assuntos que de fato atingem a população, que fazem parte da sociedade, as mazelas sociais não são analisadas. Há o predomínio do discurso neoliberal nos cadernos de economia e a imprensa está em eterna contradição quanto aos fatos que divulga.

Faz-se necessária a polifonia no discurso econômico, No entanto, o noticiário pauta-se por seguir uma linha editorial que enfatiza temas de interesse das classes superiores, consolidando o discurso governamental, considerando tal discurso via única de informação, o que é de fato para o cidadão, uma única voz que predomina no noticiário. Os trabalhadores são pouco ouvidos, é patente a predominância de apenas uma voz no discurso econômico, e não é a do cidadão comum, diferente do que acontece em outras nações, há uma cobrança maior da imprensa, como esclarece Kucinski:

É notável a ausência de pluralismo na cobertura, pela mídia brasileira, de assuntos considerados estratégicos pelas elites dominantes, em contraste com o comportamento da mídia norte-americana em questões semelhantes, ou com seu próprio comportamento na cobertura do cotidiano. Prevalece nessas questões uma lógica totalitária pela qual o governo não pode errar porque o caminho que escolheu, por definição, é o único possível. (KUCINSKI, 2000, p.21).

Portanto, faz-se crucial a intervenção do jornalista de maneira mais pluralista, falta a outra voz ser ouvida, o que proporcionará um discurso mais rico e um jornalismo completo em seus princípios.

## **Tribuna do norte**

O jornal impresso Tribuna do Norte foi fundado em 24 de março de 1950 pelo advogado e político Aluízio Alves. Circulou com 4 páginas nos primeiros sete meses de existência, mudando posteriormente para 6 páginas.

Um jornal explicitamente político em seus primeiros anos, destacava-se por produzir matérias referentes a política nacional, guerra fria, prestação de serviços, notícias locais, programação de cinema, teatro e horóscopo, na década de 60, a Tribuna do Norte chegou a produzir uma edição esportiva nas segundas-feiras. No ano de 1979, passa a ser rodado em offset e eventualmente em cores, melhorando a sua qualidade

gráfica. Porém, a primeira reforma gráfica editorial foi realizada entre 1995 e 1996, com a informatização da redação e aquisição de novos equipamentos de pré-impressão.

A economia sempre esteve presente no noticiário da Tribuna do Norte. O jornal cobriu o governo Sarney (1985/1990), o lançamento do Plano Cruzado e a substituição da moeda cruzeiro, o Plano Collor, a implantação do real, a crise na Ásia entre outros assuntos relevantes para a economia local e mundial. Na economia local, foram abordados assuntos como a privatização dos bancos Bandern e Paraiban pelo Banco Central.

A seção de economia varia de tamanho com publicação de uma página ou de cadernos de até 6 páginas, não há dias pré-determinados para tal, mas geralmente, os cadernos são publicados nas quintas-feiras e nos finais de semana, isto é, sábados e domingos, restando nos outros dias da semana apenas a publicação de uma página de economia. Os assuntos abordados pelo jornal envolvem tanta economia como política, já que um tema está atrelado ao outro: serviços, entretenimento são alguns dos tópicos que prevaleceram até hoje no periódico.

## **Apresentação de resultados**

Para pesquisar o oficialismo no Jornal impresso Tribuna do Norte, foram analisadas as seções de economia de 27 edições publicadas entre os dias 1 de julho e 1 de Agosto de 2006. Foi realizada uma análise de conteúdo em que foram tabuladas as frequências no noticiário de fontes oficiais, oficiosas e independentes. Baseando-se para tal na categorização de Nilson Lage.

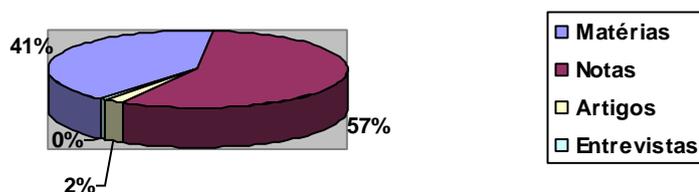
Com o objetivo de analisar o caderno de economia do jornal Tribuna do Norte, as notícias foram divididas em 4 categorias: matérias, notas, artigos e entrevistas. As matérias correspondem aos textos noticiosos mais extensos; como notas foram categorizados os pequenos textos, ou seja os soltos; os artigos consistem em textos opinativos de articulistas e colaboradores, em que foram consideradas fontes os próprios autores em virtude da natureza opinativa do texto, e por fim as entrevistas que referem-se ao sentido literal do termo, isto é, são as entrevistas *pingue-pongue* com perguntas diretas e respostas do entrevistado.

As fontes oficiais são os órgãos dos governos federal, estadual e municipal;

associações, sindicatos, fundações, empresas privadas e congêneres. As fontes oficiais referem-se a funcionários de organizações que não permitiram a sua identificação; e as fontes independentes são os cidadãos comuns que não têm vínculo com o poder público ou organização privada.

Foram localizadas fontes oficiais em todas as categorias de notícias; as oficiais não foram encontradas entre os artigos e entrevistas. Também não foram identificadas fontes independentes entre as entrevistas. O maior percentual encontrado em todas as categorias de notícias foi o de fontes oficiais, conforme demonstrado nos gráficos a seguir.

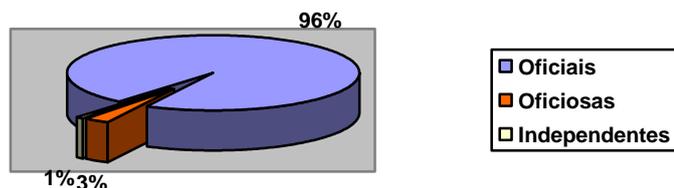
Gráfico 1 – Textos analisados



Fonte: A autora

Como o gráfico 1 apresenta, foram estudados 640 textos, dos quais 260 são matérias, 362 correspondem a notas, 15 artigos e 3 são entrevistas. As notas são responsáveis por 57% dos textos analisados, 41% deles correspondem a matérias e 2% são artigos.

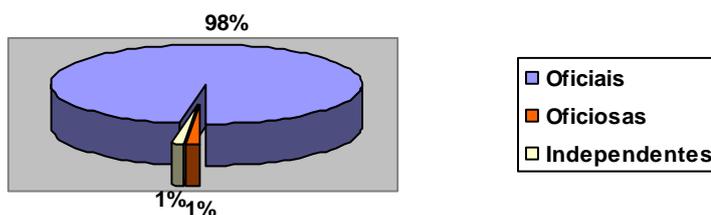
Gráfico 2 - Matérias



Fonte: A autora

O gráfico 2 demonstra que, para a construção das matérias jornalísticas, foram consultadas 457 fontes, das quais 96% são oficiais, o que corresponde a 441 fontes. As oficiosas correspondem a 12 fontes entrevistadas e apenas 4 são independentes, as quais correspondem consecutivamente a 3% e 1% das consultas realizadas.

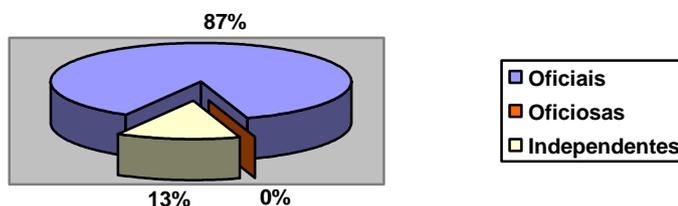
Gráfico 3 – Notas



Fonte: A autora

O gráfico 3 apresenta a tabulação das fontes consultadas para a elaboração de notas na seção de economia. De acordo com os dados, foram consultadas 349 fontes, entre elas 339 foram identificadas como oficiais, ou seja 88% das entrevistadas, oficiosas e independentes obtiveram o mesmo percentual de 1%, com 5 fontes consultadas cada uma.

Gráfico 4 - Artigos

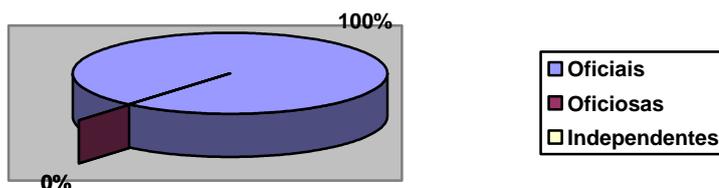


Fonte: A autora

O gráfico 4 mostra a frequência das fontes oficiais, oficiosas e independentes nos artigos publicados no jornal. Foram 15 artigos publicados, nos quais foram

utilizadas 15 fontes, das quais foram identificadas 13 fontes oficiais, ou seja, 87% das fontes consultadas, e 2 fontes independentes, o que corresponde a 13% das fontes consultadas. Não foi encontrada nenhuma fonte oficiosa.

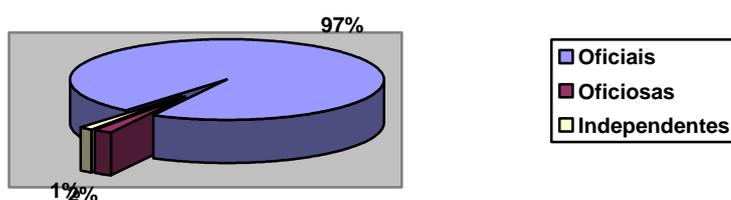
Gráfico 5 - Entrevistas



Fonte: A autora

Segundo o gráfico 5, das 3 entrevistas publicadas no jornal Tribuna do Norte, foram consultadas 3 fontes, das quais identificou-se 3 fontes oficiais. Não foram encontradas fontes oficiosas e independentes, ou seja, as fontes oficiais correspondem a 100% das fontes consultadas.

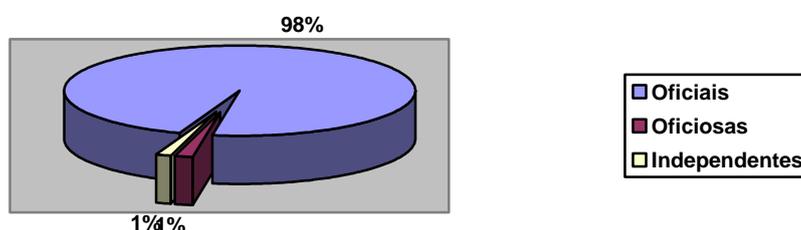
Gráfico 6 - Fontes



Fonte: A autora

O gráfico 6 apresenta o total de fontes consultadas unindo todos os 640 textos analisados, onde 97% representa as 796 fontes oficiais que foram ouvidas. As oficiosas referem-se a 2%, ou seja 17 das fontes entrevistadas e 1% corresponde a 11 fontes independentes consultadas.

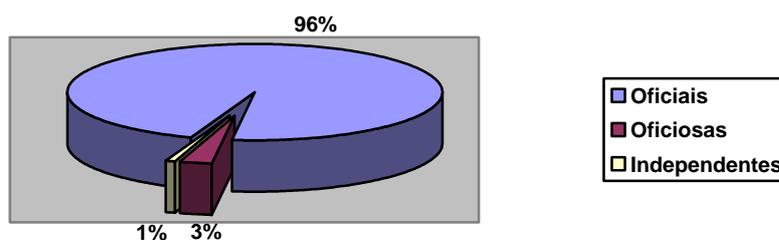
Gráfico 7 - Fontes semanais



Fonte: A autora

O gráfico 7 apresenta o total de fontes consultadas pelo jornal nos dias úteis, excluindo a segunda-feira, quando o impresso não circula. De acordo com os dados tabulados, dos 323 textos publicados nas 4 semanas, 398 fontes utilizadas foram oficiais, isto é, 98% do total consultado. Com 1% cada, foram tabuladas as quantidades de fontes oficiais e independentes, ou seja, 6 fontes oficiosas e 6 independentes foram consultadas no período em questão.

Gráfico 8 - Fontes do fim de semana



Fonte: A autora

No gráfico 8, deve-se considerar fim-de-semana como sábados e domingos do período compreendido entre 1 de julho e 1 de agosto de 2006. Pode-se constatar que dos 317 textos publicados no período foram consultadas 398 fontes oficiais, ou seja, 98% das fontes consultadas pelo impresso. As oficiosas ficaram com 3% do total, o que corresponde a 11 consultas, já as independentes são tabuladas em 1%, isto é, 1% das

fontes utilizadas pela Tribuna do Norte.

## **Considerações finais**

De acordo com a análise realizada, as fontes oficiais dominam as matérias jornalísticas produzidas pelo impresso, sendo as oficiosas e independentes as que têm participação ínfima no noticiário econômico da Tribuna do Norte.

Foi constatada maior incidência de fontes oficiais nos cadernos do fim de semana. Assim, pode-se inferir que há um acréscimo do número de fontes oficiais nos períodos de maior circulação do impresso, em que há um maior número de leitores. Portanto, a partir da pesquisa realizada pode-se concluir que as fontes consultadas pelos jornalistas de economia não representam, efetivamente, a população, a qual foi apresentada na pesquisa como fonte independente, isto é, o cidadão comum que não mantém vínculo com o poder não possui representatividade na esfera do jornalismo de economia da referida publicação.

Conclui-se que o noticiário representa, em sua quase totalidade, as vozes oficiais do estado do Rio Grande do Norte e do Brasil. Tal postura jornalística demonstra uma tendência à parcialidade na divulgação dos fatos, com a notícia econômica sendo explorada em apenas um contexto: o oficial. Como consequência deste quadro, pode-se apresentar a ausência do desenvolvimento crítico do leitor, a manipulação do jornalista, a corroboração de um discurso ideológico propagado pelos órgãos do poder, desembocando na manipulação do próprio leitor.

## **Referências**

AMARAL, Luiz. **Técnica de jornal e periódico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. 259p.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 245p.

CALDAS, Suely. **Jornalismo econômico**. São Paulo: Contexto, 2003. 120p.

CORNU, Daniel. **Ética da informação**; tradução Laureano Pelegrin. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1998. 191p.

DUARTE, Jorge. **Assessoria de Imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e**

técnica.2.ed. São Paulo: Atlas, 2003. 411p.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo econômico**.2 ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2000. 230p.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.4.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004, 189p.

MAGALHÃES, Manoel Vilela. **Produção e difusão da notícia**. São Paulo: Atlas, 1979. 147 p.

RESISTÊNCIA. **A luta para manter aceso o ideal**. Tribuna do Norte, 24-03-2000, p.3, 4-5 col.